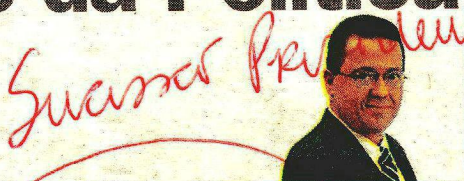


Tales Faria

tales.faria@jb.com.br



Dilma Rousseff e PDT se entendem

DOIS POLÍTICOS QUE JÁ tiveram algum peso em eleições presidenciais estão praticamente fora do jogo para 2010. São eles o senador Cristovam Buarque (PDT-DF) e o deputado Ciro Gomes (PSB-CE). Ex-governadores com forte popularidade em seus estados, ambos foram candidatos a presidente da República: Cristovam, em 2006; Ciro, em 2002. Ciro e Cristovam têm constado como possíveis candidatos de uma eventual aliança nacional entre o PDT, o PSB e o PCdoB. Mas, desde que escolheu a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, como sua candidata à sucessão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem-se esmerado em fechar as portas para as candidaturas desses dois.

Primeiro, Lula atraiu o PDT para o governo, quando nomeou o presidente do partido, Carlos Lupi, como ministro do Trabalho. Depois, trouxe o PCdoB de volta à zona de influência do PT, principalmente quando incentivou um seu ex-ministro, o comunista Aldo Rebelo, a aceitar ser vice na chapa derrotada de Marta Suplicy a prefeita de São Paulo. Com isso, praticamente enterrou os projetos de candidatura unificada destes três partidos contra o PT.

Se você for falar sobre esse assunto com o ministro Carlos Lupi, ele dirá que vê grandes chances de seu partido ainda ter um candidato próprio, etc e tal. Mas, se você conversar mais amiúde, vai notar que Lupi já está até o pescoço na candidatura da petista Dilma Rousseff à Presidência da República.

– E aí, ministro, como o senhor está vendo as coisas para 2010?

– Acho que ainda estão bem indefinidas. Vão depender muito de questões macroeconômicas. Mas, como acredito que o país vai crescer em 2009, creio que o presidente Lula terá um peso importante. Deverá haver, então, um segundo turno entre o governador de São Paulo, José Serra, e o candidato do presidente Lula. No caso, a candidata, que é ministra Dilma Rousseff.

– E o PDT vai de Dilma?

– Hoje, ainda é forte a chance de termos um candidato próprio. Mas

creio que só uma união dos partidos que apóiam o governo poderá evitar a vitória do candidato da oposição.

– Essa união já não é fato?

– Ainda precisamos acertar questões programáticas e regionais. Para o PDT, é fundamental

Carlos Lupi (PDT) está até o pescoço na candidatura de Dilma Rousseff (PT)

saber como ficaremos em estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Maranhão, Amapá e Espírito Santo. Na questão programática, para nós é importante que haja avanços na área de educação e que não haja cortes nos direitos dos trabalhadores. O presidente Lula tem cumprido esses compromissos conosco. Temos que saber se, para 2010, os compromissos serão mantidos.

– O senhor acha que, numa administração Dilma Rousseff, ela manteria esses compromissos?

– Olha, a ministra já foi do PDT, antes de ser do PT. Temos muita afinidade no campo das idéias.

– Então ela se dá bem com o PDT.

– É difícil ter alguém no PDT que não tenha uma boa relação com a ministra.

– Mas está claro para o senhor que, numa eventual aliança, o PMDB, pelo seu tamanho, teria prioridade para indicar o vice da chapa, e não o PDT?

– Olha, nós não reivindicamos o vice. Mas digo uma coisa: acho muito difícil o PMDB apoiar oficialmente a candidata do governo. Eles têm lá suas ligações com o PSDB. Veja o caso do Orestes Quêrcia, em São Paulo. Em 2002, o PMDB deu o vice da chapa do Serra. Duvido, se o governador de São Paulo continuar forte nas pesquisas, que o PMDB entre de cabeça, formalmente, para apoiar o candidato do presidente Lula. Então acho que o PMDB abrirá lugar na chapa para outros partidos.

– Ministro, diga uma coisa: o senhor tem conversado muito com a ministra sobre o quadro eleitoral?

– Ora, é claro. Temos falado permanentemente. Somos políticos, estamos no mesmo governo e já fomos do mesmo partido. É evidente que isso traz uma enorme facilidade de diálogo. (risos)